

HISTÓRIA DAS OLIMPIADAS (8)

# O velho e o novo se misturam



A tradição e encanto de Roma marcaram os jogos que foram transmitidos ao vivo num grande show de tevê

NICO NORONHA

Poucas cidades do planeta possuem uma história tão rica quanto Roma. Uma história que se mantém viva nos monumentos bem conservados da cidade e também nas ruínas de construções grandiosas como o Coliseu (onde um dia gladiadores se enfrentaram, numa prévia selvagem do que um dia seriam as lutas olímpicas). Pois os organizadores dos XVII Jogos

Olimpícos da era moderna não perderam a oportunidade de fazer uma simbiose entre o antigo e o novo, este representado pelo moderno estádio Olímpico. Como resultado, uma Olimpíada deslumbrante.

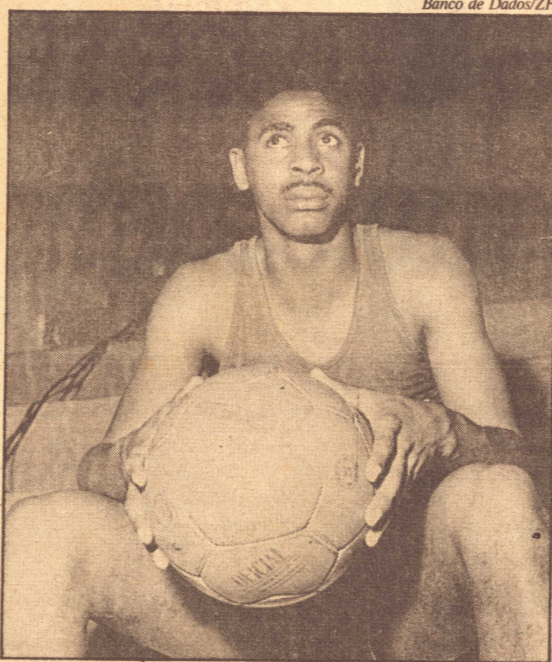
Para começar, a exemplo do que acontecia há dois mil anos, as competições de luta livre foram realizadas na Basílica de Maxentius. Provas de ginástica nas Termas de Caracala, maratona com saída do Capitólio e chegada no Arco de Constantino, e iatismo na baía de Nápoles.

Foi a Olimpíada que marcou o início das grandes transmissões ao vivo pela televisão. Para mostrar as principais competições aos norte-americanos, a rede CBS pagou US\$ 394 mil. E foi um sucesso estrondoso, pois embora a derrota dos Estados Unidos para a União Soviética no quadro geral de medalhas, os Jogos de Roma apresentaram inesquecíveis heróis e marcaram o surgimento daquele que se transformaria no maior ídolo do boxe mundial, Muhammad Ali. Ainda se chamava Cassius Clay, não aderira ao Islamismo, e ficou com o ouro na categoria dos meio-pesados.

Em Roma, surgiu Abebe Bikila, o etíope que, descalço, ganhou a maratona; e Armin Hary, um alemão que foi o primeiro homem a atingir a marca de 10s nos 100 metros rasos. Ganhou o ouro, é claro; e mais outro nos 4x100. Já os brasileiros tiveram que se contentar com duas medalhas de bronze, uma conquistada por Manoel dos Santos, na natação (100 metros livre), e outra no basquete masculino, num inesquecível time que tinha Amauri, Rosa Branca, Vladimir e Succar.



Rosa Branca: destaque brasileiro



## Bikila quebra tabu na maratona

Jamais um negro ganhara a mais importante prova dos Jogos Olímpicos, a maratona. A quebra deste tabu coube a um fundista africano que tinha o curioso hábito de correr com os pés descalços: Abebe Bikila. A decisão do Comitê Olímpico de realizar a prova à noite, com largada no Capitólio, facilitou o desempenho daquele magrela de 28 anos, integrante da Guarda Imperial de seu país, a Etiópia. A seu lado, durante quase toda a prova, a presença do marroquino Rhadi Ben.

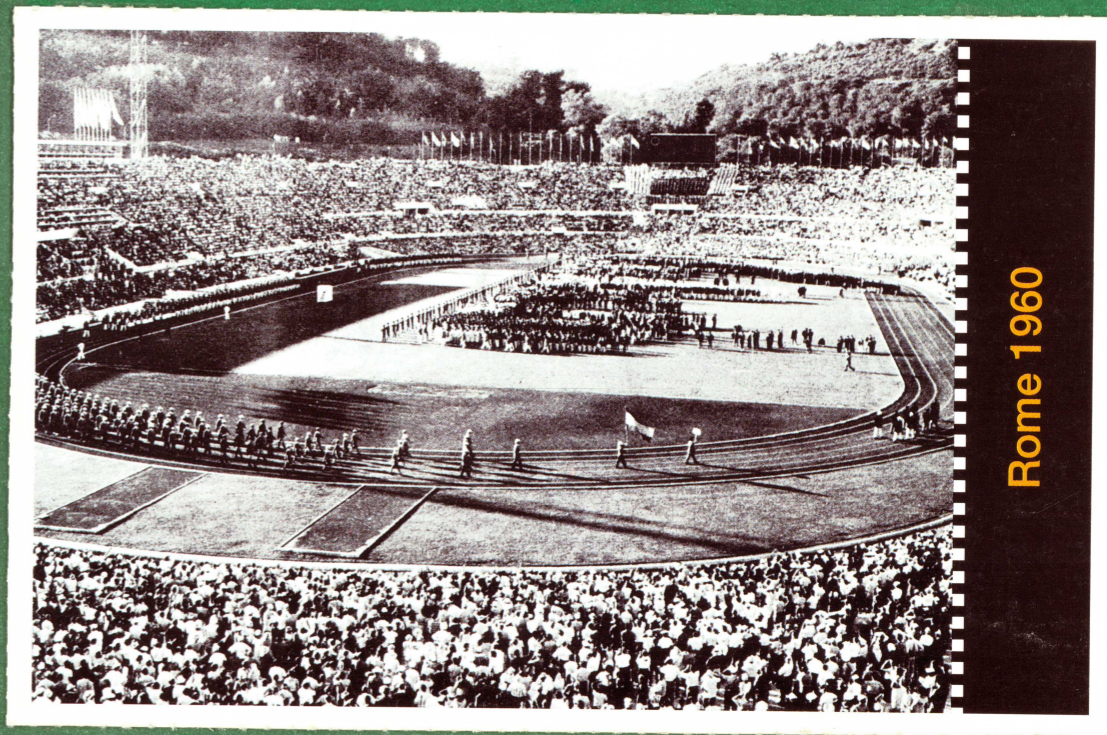
Mas quando ambos atingiram a parte do trajeto onde se localizava o obelisco de Axum (coincidentalmente um monumento que havia sido levado para Roma pela tropas fascistas de Mussolini, após invasão à Etiópia), Bikila disparou rumo à glória. Ouro para o negro africano. Quatro anos depois, ele repetiria o feito na Olimpíada de Tóquio, recebendo, na chegada a seu país, como prêmio, um Volkswagen. O automóvel no qual, em 1969, se acidentaria, ficando paraplégico. Morreu em 1973, aos 41 anos.

### ROMA, 1960 O quadro de medalhas

Pais	Ouro	Prata	Bronze
1º União Soviética	43	29	31
2º Estados Unidos	34	21	16
3º Alemanha	13	19	13
4º Itália	13	10	13
5º Austrália	8	8	6
6º Turquia	7	2	-
7º Hungria	6	8	7
8º Japão	4	7	7
9º Polônia	4	6	11
23º Brasil	-	-	2

Demais colocações: 10º Tchecoslováquia (8); 11º Romênia (10); 12º Inglaterra (20); 13º Dinamarca (6); 14º N. Zelândia (3); 15º Bulgária (7); 16º Suécia (6); 17º Finlândia (5); 18ª Áustria (2); 19ª Iugoslávia (2); 20ª Paquistão (2); Etiópia (1); 22ª Grécia (1); 22ª Noruega (1).

Obs: Os números entre parênteses indicam o total de medalhas conquistadas



Rome 1960



Manoel dos Santos, medalha de bronze em 1960



## XVII JOGOS OLÍMPICOS

# 1960 ROMA

EM 1960, UM IMPRESSIONANTE DESFILE DE CELEBRIDADES OLÍMPICAS E A CERTEZA DE QUE OS JOGOS JAMAIS DESAPARECERÃO. NADA MAIS JUSTO: ERA UMA DÍVIDA QUE ROMA ESPEROU DEZESSEIS SÉCULOS PARA PAGAR.

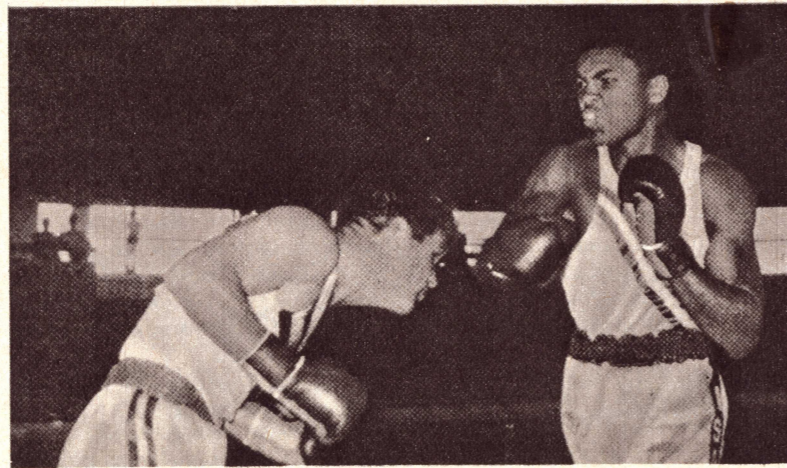
Foi em Roma que os antigos Jogos Olímpicos começaram a perder o seu prestígio. Foi também em Roma que eles se transformaram pouco a pouco nos espetáculos semibárbaros de gladiadores e escravos lutando pela vida nas arenas dos circos. E foi ainda em Roma que eles finalmente se extinguíram, por ordem de um imperador que julgava, com isso, aliviar sua consciência da matança de 10 000 gregos inocentes.

Só mesmo uma cidade eterna poderia esperar quase dezesseis séculos para saldar tantos débitos para com o mundo olímpico. E Roma, em 1960, fez exatamente isto: redimir-se de todos os pecados cometidos nos tempos dos césares. Desde o gigantesco empreendimento realizado pelos alemães, em 1936, o destino dos Jogos Olímpicos tem sido a permanente superação de uma cidade-sede sobre a anterior. Helsin-

que representou muitos passos à frente em relação a Londres, do mesmo modo que Melbourne deixou para trás muito do que fora feito em Helsinque. No entanto, a distância entre Melbourne, em 1956, e Roma, em 1960, foi ainda mais considerável, em termos de organização. Os italianos dedicaram-se com tanto amor à tarefa de patrocinar os XVII Jogos Olímpicos, e de tal modo atingiram os seus objetivos, que foi fácil esquecer o passado pouco esportivo de Teodósio e outros imperadores que contribuíram para o fim da antiga tradição grega. O certo é que, depois de Roma, ninguém mais ousaria duvidar da eternidade dos Jogos Olímpicos.

### Chegam os artistas: vai começar o show

Nas semanas que antecederam a abertura oficial, aviões de



Cassius Clay (EUA), campeão de boxe (pesos-pesados).

as procedências chegavam, diariamente, trazendo atletas que representavam o que de melhor havia no mundo do esporte. Num desses aviões, duas irmãs, ambas nascidas em Kharkov, União Soviética, nenhuma delas bastante conhecida para chamar a atenção dos repórteres que rondavam o aeroporto à espera de celebridades. Num terceiro avião, um etíope que só era entrevistado por um motivo nada olímpico: ele pertencia à guarda imperial de Haile Selassie e desembarcava, orgulhoso, em seu uniforme de gala. A história dos XVII Jogos Olímpicos bem pode ser contada pela atuação desses seis atletas chegados de países tão diferentes.

O primeiro deles, o recordista mundial, chamava-se John Thomas e podia ser considerado um dos fenômenos do atletismo, pela técnica de impulsão que o levava a melhorar a marca do salto em altura, de 2,16 para 2,23 metros, em menos de dois anos. Nascido em Boston, era, aos dezenove anos, o mais favorito de todos os favoritos que chegavam a Roma. Na opinião dos técnicos, John Thomas era invencível.

A jovem americana, Wilma Rudolph, nascera há vinte anos, em Clarksville, Tennessee, de uma família pobre. Tinha dezesseis irmãos, passara fome na infância, sofrera problemas ligados à desnutrição, que a prenderam ao leito de um hospital por muito tempo. Aos doze anos, os ossos das pernas mal calcificados, nem podia

O Estádio Olímpico de Roma, numa vista aérea tomada pouco antes da abertura dos Jogos.

caminhar. Agora, como por milagre, era corredora. Mais do que isso, uma velocista.

Do lutador de boxe, Cassius Clay, pouco se ouvia falar. Sabia-se apenas, que era um meio-pesado, de dezito anos, muito confiante em si mesmo, a ponto de garantir, aos repórteres que o entrevistavam, que haveria de ser "o maior pugilista do mundo".

As duas irmãs, Tâmará e Irina Press, só queriam uma coisa: levar para o pai uma medalha, ainda que de bronze, promessa que haviam feito ao sair de Kharkov. Quanto ao etíope, Abebe Bikila, era um tipo simpático e curioso. Diziam que corria descalço.

Os XVII Jogos Olímpicos começaram com as pompas habituais, mas também com problemas: o número de turistas talvez superasse as expectativas dos italianos, de modo que todo, inclusive o acesso ao estádio, era difícil. Engarrafamento de trânsito, filas intermináveis, afunilamento de público nas bocheletas de entrada, gente estranha ocupando o lugar reservado à imprensa. Um jornalista americano, bem humorado, comentou com os colegas:

— Os italianos levaram 2 000 anos para organizarem essa desorganização toda.

### Um erro imperdoável: o segundo em primeiro

No próprio desfile de abertura, um problema político: não se permitiu que a chamada China Nacionalista desfilasse com este nome, mas com o de Formosa. Em lugar disso, o atleta que liderava a delegação desfilou empunhando um cartaz com os dizeres: "Sob protesto". O que valeu aos chineses de Formosa uma repreensão oficial do Comitê Olímpico Interna-

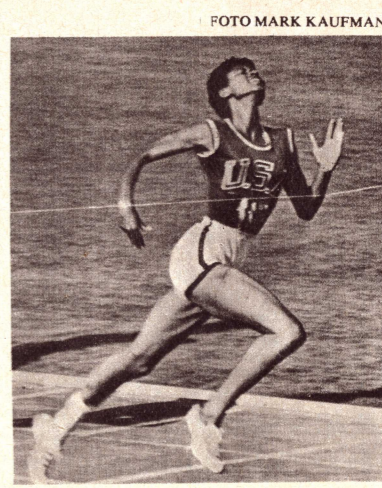


Armin Hary (Alemanha), ganhando a prova dos 100 metros rasos.

cional, que considerou a atitude um gesto político.

Mas, pelo menos nos campos de competição, tudo ou quase tudo correu bem. Só não se atingiu a perfeição porque houve um imperdoável equívoco na prova dos 100 metros, estilo livre, tradicionalmente a que aponta "o mais veloz nadador do mundo". Três nadadores tocaram quase simultaneamente a borda da chegada: o americano Lance Larson, o australiano John Devitt e o brasileiro Manoel dos Santos. Num ponto os juizes foram unânimes: o brasileiro chegara em terceiro. Mas, entre Larson e Devitt, quem teria sido o campeão? Dois dos três juizes de primeiro lugar disseram que fora Devitt, enquanto o terceiro indicara Larson. Dois dos três juizes de segundo lugar, porém, tam-

### Tâmará Press (URSS), medalha de ouro no arremesso de peso, medalha de prata no lançamento de disco.



Wilma Rudolph (EUA), três medalhas de ouro nos Jogos de Roma.

as provas ocorreu no atletismo, justamente pondo em xeque o franco favoritismo de John Thomas. Na série final, quando o sarrafo foi colocado na marca dos 2,12 metros, só restavam três concorrentes: ele e os soviéticos Robert Shavlakadze e Valery Brumel. Naquele mesmo ano, Thomas já havia pulado 2,13 metros nada menos de 37 vezes. Os dois soviéticos nunca tinham passado dos 2,12. Foi então que Thomas resolveu dar um golpe psicológico: rejeitou o salto, tentando, com isso, impressionar os adversários que ultrapassaram a marca com alguma dificuldade. Nos 2,14 metros, os três pularam, os soviéticos melhor do que Thomas, cujos nervos, repentinamente, o traíram. Ele não contava passar tão rente ao sarrafo, numa altura tão abaixo do seu recorde de 2,18. Finalmente, nos 2,16 metros, Shavlakadze passou na primeira tentativa, ficando com a medalha de ouro; Brumel conseguiu na segunda, ganhando a de prata; e Thomas simplesmente falhou nas três, tendo de se consolar com a de bronze. Seu reinado chegava ao fim. Dois anos depois, Brumel melhoraria o recorde mundial para 2,28 metros, marca que levaria quase dez anos para ser superada pelo americano Richard Fosbury.

### Wilma, a gazela, ganha três medalhas de ouro

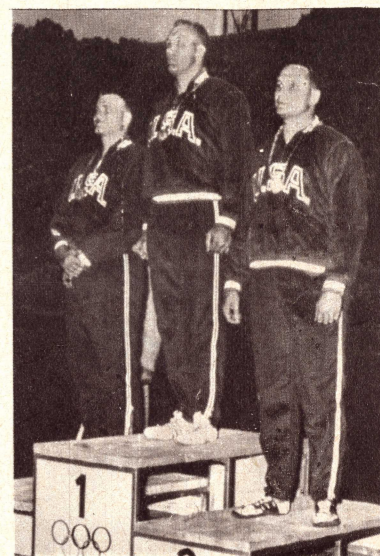
Wilma Rudolph, na véspera da final dos 100 metros rasos, dormia profundamente na Vila Olímpica. As outras finalistas, como sempre acontece, mostravam-se visivelmente nervosas. O técnico americano, Ed Temple, que a conhecia melhor do que ninguém, explicou: — Trata-se de uma mulher extraordinária. Não tem nervos, nada a preocupa, tranca-se em si mesma numa serenidade nada normal na véspera de uma prova

tão importante. No entanto, chegada a hora, assim que o juiz dá a partida, ela explode. E toda a sua energia se transforma em velocidade.

No dia da final, Wilma explodiu. E não apenas nos 100 metros, mas também nos 200 e na parte que lhe coube do revezamento de 4x100 metros. Ganhou três medalhas de ouro, com tempos que só não foram homologados como recordes mundiais por causa do vento a favor. Sua elegância na corrida, aliada à velocidade, ou sua elegância fora das pistas, somada a uma dignidade que era o orgulho de uma numerosa família do Tennessee, valeram-lhe o apelido de gazela negra. Muitos, como os franceses Edouard Seidler e Robert Parienté, consideram Wilma Rudolph a maior sprinter de todos os tempos.

Tâmará e Irina Press conseguiram mais do que levar uma medalha de bronze para o pai, em Kharkov. A primeira ganharia uma de ouro, no peso, e outra de prata, no disco, enquanto a segunda também ganharia uma de ouro, nos 80 metros com barreiras. Quatro anos mais tarde, em Tóquio, as duas conquistaram mais três de ouro: Tâmará nas duas provas de sua especialidade, Irina no pentatlo.

Cassius Marcellus Clay foi mesmo o campeão dos meio-pesados, começando a provar que, um dia, seria de fato "o maior pugilista do mundo". E Abebe Bikila, correndo descalço, estabeleceu um tempo recorde para os 42 quilômetros da maratona: enquanto seus adversários chegaram cansados, muito atrás dele, o simpático etíope limitou-se a cruzar a fita, inteiro, e a fazer meia dúzia de flexões, ao lado da pista, respirando fundo como se só então fosse começar a correr.



Long, Nieder e O'Brien: todas as medalhas para os EUA, no arremesso de peso.